

Do descerramento em *Ser e tempo* de Heidegger: ser-no-mundo entre a afinação e a compreensão

From the disclosedness in Heidegger's *Being and Time*: Being-in-the-world between attunement and understanding

 10.21680/1983-2109.2026v34n70ID42073

Roberto Saraiva Kahlmeyer-Mertens

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

kahlmeyermertens@gmail.com

Resumo: O artigo questiona: como fenômeno do “descerramento” (*Erschlossenheit*)¹ do ser-aí a seu mundo está implicado ao poder-ser

¹ Por mais que usual esta expressão para traduzir essa palavra alemã, há quem ainda prefira traduzi-la por “abertura”. Justificamo-nos quanto à opção pela primeira, por ela melhor registrar a ideia desse ser-aberto em seu movimento de “des-fechamento”, possuindo em seu radical o verbo alemão *schließen* (fechar) e guardando parentesco etimológico com o substantivo *Schlüssel* (chave). Registre-se, portanto, que *Erschlossenheit* é o termo que Heidegger reserva tanto para referir-se ao descerramento promovido pelas tonalidades afetivas quanto pela compreensão. No mais, quem desejar se dar a pena de fazer uma leitura de mapeamento da obra *Ser e tempo*, logo notará que o termo “abertura” (*Öffnung*) não é utilizado por Heidegger nesse período (até há incidências de correlatos a esse, como é o caso de *Eröffnung*, mas ele só aparece em contexto extra filosófico no posfácio assinado por Friedrich-Wilhelm v. Herrmann, organizador do volume (GA2) no âmbito das *Obras reunidas* de Heidegger). Cognatos a *Offen* (aberto), como *Öffnen* (abrir), *Offenbach* (abertamente), *offenbaren* (revelar), *Offensichtlich* (evidentemente), *offenkundig* (óbvio), *Offenbarkeit* (franqueado) etc., embora identificados no texto de Heidegger, são quase

deste ente na obra *Ser e tempo*? Inicia contextualizando a noção de ser-em e indicando que Heidegger necessita elucidar o *em* do ser-no-mundo para chegar a alcançar o fundamento fenomenológico que lhe permitiria compreender tal ente. Após, apresenta como o conceito fenomenológico de “descerramento” é tratado. O trabalho, assim, busca indicar como tal abertura se dá desde as “tonalidades afetivas” (*Stimmungen*) e implicada a um conceito contíguo a estas, a “afinação” (*Befindlichkeit*). O descerramento também será tratado com vistas à compreensão (*Verstehen*); nesse momento, desejamos evidenciar como este existencial descerra o ser-aí ao horizonte significativo que seu mundo constitui, além de indicar o quanto essa abertura compreensiva aos contextos mundanos abre o ser-aí a sua situação de ente de projeto existencial e de possibilidades. Para chegar a realizar essas reconstruções conceituais, o artigo deverá ocupar-se, em diferentes momentos, dos contextos compreendidos nos §§. 28-32 da obra *Ser e tempo*. O artigo depreende que entre compreensão e afinação o ser-aí é este que é livre para poder-ser possibilidades no descerramento a seu mundo.

Palavras-chave: Ser-em; Descerramento; Tonalidades afetivas; Afinação; Compreensão; Heidegger.

Abstract: The article questions: how is the phenomenon of the “disclosedness” (*Erschlossenheit*) of Being-there to its world implicated in the could-be of being of this entity in the work *Being and Time*? It begins by contextualizing the notion of Being-in and indicating that Heidegger needs to elucidate the “in” of Being-in-the-world in order to reach the phenomenological foundation that would allow him to understand such an entity. Next, it presents how the phenomenological concept of *disclosedness* is treated. The work, therefore, seeks to indicate how such openness arises from “affective

que na totalidade das vezes usados de maneira lata, sem que se revistam de tecnicidade filosófica e, quando isto ocorre, a exemplo de *öffentlichen* (público), *Öffentlichkeit* (caráter-de-público), *veröffentlicht* (posto-a-público), seu contexto filosófico não é o referente à maneira com a qual se vê aberto ao horizonte de seu mundo, mas o daquela “publicidade” que, ao lado da cotidianidade mediana (*durchschnittliche Alltäglichkeit*) e do afastamento (*Abständigkeit*), responde pelo modo com o qual o ser-no-mundo já se vê decaído num modo derivado de existência.

tonalities” (*Stimmungen*) and is implicated in a concept contiguous to these, “attunement” (*Befindlichkeit*). The disclosedness will also be addressed with a view to understanding (*Verstehen*); at this point, we wish to highlight how this existential disclosedness Being-there to the meaningful horizon that its world constitutes, in addition to indicating how much this comprehensive openness to worldly contexts opens Being-there to its situation as an entity of existential project and possibilities. To achieve these conceptual reconstructions, the article will, at different points, address the contexts outlined in paragraphs 28-32 of *Being and Time*. The article suggests that between understanding and attunement, Being-there is that which is free to be possibilities in the disclosedness of its world.

Keywords: Being-in; Disclosedness; Affective tonalities; Attunement; Understand; Heidegger.

Introdução

Análise do ente a ser primeiro interrogado quando em pauta a recolocação da questão do ser desde seu horizonte de sentido, a *analítica fundamental da existência* assoma em *Ser e tempo* e, em verdade, constitui mais propriamente o corpo do que dessa obra é conhecido (já que do seu projeto, como se sabe, apenas veio a lume sua primeira seção). O esforço identificado nos oitenta e três parágrafos (§.) que integram *Ser e tempo* é o de obter uma visualização prévia do conjunto de estruturas existenciais do ente que nós próprios somos (= ser-aí, *Dasein*) e é por isso que a “[...] *ontologia fundamental*, da qual todas as outras podem surgir, deve ser buscada na *analítica existencial do ser-aí* (Heidegger, 1977, p.18).² Recorrendo ao método e à atitude

² No presente artigo deliberamos por usar traduções próprias dos extratos textuais de Heidegger a partir de suas *Gesamtausgabe* (GA, *Obras Completas*). Tal opção se justifica não apenas pelo rigor de utilizar as fontes primárias dos escritos do filósofo em seu idioma original, quanto por nos servirmos de

fenomenológica, Heidegger operará a descrição da situação ôntico-ontológica desse ente, o que forneceria acesso imediato à dimensão de ser que interessa a toda ontologia. Não obstante, nosso filósofo está ciente de que: “A analítica existencial [...] é, em última análise, *existenciária*, i. é, *onticamente* enraizada” (Heidegger, 1977, p.18). Aqui se expressa tanto o primado ôntico quanto o ontológico desse ente a ser primeiramente interrogado quando se trata da questão do ser, pois contando que o ser-aí “[...] na própria base de sua determinação existencial, em si mesmo é “ontológico” (Heidegger, 1977, p.18), têm-se também que tal ente tem seu ser determinado na existência, o que é indicativo de onde uma tal investigação deve partir.

Se, em *Ser e tempo*, essa diretiva se apresenta face a uma requisição ontológico-fundamental, é preciso dizer que as coordenadas para um tal procedimento já constam em obras precedentes, tidas mesmo como esboços a essa de 1927.³ Esses trabalhos ensinam que uma apropriação fenomenológico-compreensiva do ser-aí (outrora tratada com terminologia e conceptualidade prototípicas, ainda referentes à *vida fática* e *facticidade*) não se processaria por uma abordagem teórica (quer dizer, com um trato teórico e, por isso mesmo, negligente ao fenômeno do ser-aí em seu

escolhas de traduções que atendem mais pontualmente ao escopo específico deste trabalho.

³ Temos aqui em vista, pontualmente, o *Relatório Natorp* (1922) e *Ontologia: Hermenêutica da Facticidade* (1923). Estas obras, tal como interpretamos, são, respectivamente: a que oferece o programa do que se desenvolveria em *Ser e tempo* e a que traz os primeiros desenvolvimentos do que na obra de 1927 identificaremos como os projetos de uma hermenêutica da facticidade e da analítica existencial (já trazendo conceitos que depois comparecerão também nessa obra posterior, entre eles: “ser-em”, “ser-no-mundo”, “mundo”, “cotidianidade”, “queda” (ainda tratada como “ruína”) e “encontrar-se-em”. Cf. Bibliografia, Heidegger (1992 e 1988).

horizonte existencial) (Heidegger, 1992, p. 75), mas por uma que tomasse este fenômeno imediatamente no campo de sentido que lhe é próprio. Desse modo, “[...] a investigação filosófica não se impõe desde fora [...], mas deve ser compreendida como apreensão explícita na atividade fundamental da vida fática [existência]” (Heidegger, 1992, p. 32); ao não ser uma compreensão extrínseca, ela já arrola uma posição prévia da qual a interrogação ao ser-aí “[...] se deixa tomar na indicação formal: *ser-aí (vida fática) é ser em um mundo*” (Heidegger, 1988, p. 80). Ser *em* um mundo é o ponto do qual nasce a visão do ser-aí ocasional em sua cotidianidade mediana desde a qual se poderá mostrar o modo de ser do ser-aí. Assim, temos nesse “em” o indício de como a *existencialidade* (*Existenzialität*) do ser-no-mundo já conta com a *facticidade* (*Faktizität*) de um mundo específico.

Do *aí* já sempre *em*...

Em *Ser e tempo*, a descrição e a análise do “ser-em enquanto tal” (*In-sein als solches*) são precedidas por um conjunto de elaborações. Heidegger inicia justificando a relevância da recolocação da questão do ser em época avessa à investigação ontológica; apresenta ainda o modo com o qual a recolocação dessa questão deve acautelar-se para não incorrer nas ingenuidades das ontologias tradicionais (que tomavam equivocadamente o ser segundo a medida do ente) (§1-4). Após, apresenta os projetos subsidiários à ontologia fundamental, a saber: a *analítica existencial*, a *destruição da história da ontologia* (§ 5-6) e a *hermenêutica da facticidade* que, adjacente às anteriores, ora transparece no gesto compreensivo do ser-aí frente a seu próprio ser (e ao sentido dos entes em geral), ora na compreensão de nossa situação hermenêutica atual, como releitura do historicamente

consolidado, conduta da qual depende o programa desconstrucionista de Heidegger.

Há ainda os tópicos, por assim dizer, metodológicos (§.7-8), dentre os quais um é onde Heidegger apresenta a fenomenologia enquanto o *como* da investigação a ser empreendida, passo no qual patenteia seu papel crucial de “[...] modo de acesso e definidor disso que deve se tornar tema da ontologia. [De sorte que] *Ontologia só é possível como fenomenologia*” (Heidegger, 1977, p. 48).⁴ O que se segue daí são os quatro capítulos da primeira seção, nos quais inicialmente a analítica existencial se apresenta em seu momento de elaboração (§. 9-11); o ser-no-mundo é dito como constituição fundamental do ser-aí (e o existencial ser-em, por uma visão prévia, é concretamente mostrado no modo com o qual o mundo é conhecido) (§.12-13); a tematização da mundanidade do mundo em geral, com uma caracterização do modo com o qual o ser-no-mundo se vê junto aos entes intramundanos (*innerweltlich Seiendes*) que lhe vêm ao encontro em uma totalidade conforme e da possibilidade de conhecimento deste mundo (§.14-24); uma análise concreta do “quem” deste ser-aí, indicando o modo com que este coexiste cotidianamente com os demais seres-no-mundo e como o ser-no-mundo apreende, de maneira imediata, sua constituição própria de fenômeno a partir do seu registro de *se* (*Das Man*) (§.25-27).

A tematização do existencial ser-em (*In-sein*) a partir do §.28 retoma a descrição fenomenológica do ponto em que estacara, no entanto, como se vê, não é mais uma tematização acerca da familiaridade e autoevidência do mundo, tampouco da compreensibilidade de si mesmo, trata-se agora dos modos com que originariamente o “aí” (*Da*) do ser-aí (*Dasein*) se

⁴ Indicação que, no presente contexto, vale também para a análise ontológica do ser-aí.

constitui; essa nova etapa, todavia, se serve de tudo quanto angariou das análises precedentes (§.14-27). Encaminhando-se para um ver evidenciador do conjunto existencial do ser-aí, o filósofo mantém-se atido a seu propósito, que *é o de uma ontologia fundamental*. Por isso, indagar: “Em que direção se deve olhar para ver a característica fenomenal do ser-em como tal?” (Heidegger, 1977, p.175) A resposta a esta nos confronta à evidência de que:

[...] ser-em é diferente da interioridade de algo do simplesmente dado ‘em’ um outro; o ser-em não é como uma qualidade de um simplesmente dado, resultante ou mesmo deliberado através do ser dado (*Vorhandensein*) do ‘mundo’; o ser-em, em vez disso, é como o modo essencial de ser desse ente mesmo (Heidegger, 1977, p. 175).

A advertência de Heidegger quanto ao ser-em não significar um estar-contido espacial⁵ é aqui repetição prudente, afinal nosso filósofo já o dissera ao caracterizar o ser-no-mundo. A preocupação, tanto lá como cá, é mais a de indicar que o “em”, ao ser-em-o-mundo, não é propriedade de um ente substancial, dado-de-antemão e que, em vez disso, aponta à constituição ontológico-existencial desse ente. É isso que, na citação imediata, se refere ao “essencial”, já que esta essência, em tal contexto, deve ser tomada literalmente; assim, diz-se “essente” do *que está sendo* (ou, mais explicitamente, *é o que é na medida em que está sendo*). Mas, assim, qual seria o “estar-sendo” do ser-no-mundo? De que modo o ser-em aponta a nossa situação? Um assomo de resposta provém de outro trecho logo adiante: “O que se constitui essencialmente pelo ser-no-mundo é sempre em si mesmo o ‘aí’ de seu ser-aí.

⁵ Espaço aqui é o empiricamente constituído, como entendido como na ciência física; o que não quer dizer que não se possa pensar, com vistas à fenomenologia de Heidegger, a espacialidade como um existencial do ser-aí. Entretanto, mesmo neste caso, a experiência fenomenológico-existencial do espaço se afigura copertinente a um ser-em. As tematizações de Malpas (2008, 2012) nesse sentido são elucidativas e, por isso mesmo, dignas de consulta.

[...] Esse ente traz em seu próprio ser o caráter de desfechamento⁶ (*Unverschlossenheit*). A expressão ‘aí’ significa esse descerramento essencial. Por meio dela, esse ente (o ser-aí) está, para si mesmo, ‘aí’ em mundo (Heidegger, 1977, p. 174). O trecho nos confronta com um ser-em-mundo já sempre sendo diante de seu aí, quer dizer que onde quer que haja o ser-em(-mundo), este não é sem o aí de seu ser-aí, de sorte que, o “aí” do ser-aí dá-se sempre “em”...

Atento ao modo de “em aberto” do ser-aí, Heidegger identifica o vínculo entre ser-em e o “aí”, ressaltando o quanto este perfila a facticidade do *que se mostra no descerrado* do ser-aí a seu mundo, no seu “descerramento”. Face a isso, enuncia Heidegger (1977): “O ser-aí traz consigo de casa o seu ‘aí’, sem este, ele não só não é fático, quanto nem mesmo é o ente dessa essência” (p.177). Por outro lado, o aí indica igualmente a abertura, enquanto âmbito de descerramento de fenômenos, campo de jogo (*Spielraum*) no qual o ser-aí tem seu ser conjugado em existência, daí dizer: “O ser-aí é [...] o seu descerramento” (Heidegger, 1977, p.177).

Mais do que indicação categórica, o apontado acima prescreve os dois próximos momentos de desenvolvimento desse artigo. A partir daqui, cabe analisar os caracteres ontológicos do ser-aí com vista ao descerramento em seu “aí”; assim a análise do ser-em focalizará dois modos constitutivos, e igualmente originários, do ser do ser-aí: *afinação* e *compreensão*.⁷ Heidegger obtém, pela análise desses

⁶ Intuição que os tradutores das duas edições de *Ser e tempo* ao inglês e alguns dos intérpretes mais destacados nessa língua acolheram ao utilizar “Disclosure” e “Disclosedness” para se referirem ao descerramento, cf. Heidegger (1962), Heidegger (1996) e Richardson (1974).

⁷ Geralmente acompanhados da “fala” (*Rede*), em *Ser e tempo*, *compreensão-afinação-fala* são tratadas como uma tríade existencial, por constituírem modos cooriginários constitutivos do se do aí. No presente trabalho, por sua

existenciais, a configuração fenomenal necessária para a compreensão de um modo concreto do ser-em, é o que teremos no tópico seguinte.

Tonalidades afetivas como descerradoras e afinadoras

A caracterização da constituição do “aí” parte da tematização do ser-no-mundo em seu modo de “afinação”; esta indica “[...] ‘como alguém está e se torna’. Neste ‘como alguém está’ o ser-afinado (*Gestimmtsein*) traz o ser a seu ‘aí’” (Heidegger, 1977, p.179). Quer dizer que, afinado de certo modo, o ser-aí dá indício de como já *se encontra em* (*sich befinden in*). Mas o que faz com que o ser-no-mundo se ache dessa ou daquela maneira? Como o ser-aí se vê propriamente afinado? Enfim: o que afina esse ente de ser-em? Heidegger denomina “tonalidades afetivas” o que o *afeta*, o *afina*, o *sintoniza*; este fenômeno indica a modalidade desde a qual o ser-no-mundo que somos se concretiza ôntico-existencialmente no mundo. Tais tonalidades são descerradoras do mundo enquanto horizonte de realização; mais do que isso, tal como compreendidas por Heidegger, é no descerrar desde essas que tal horizonte mundano se mostra mais propriamente como espaço de manifestação dos entes enquanto tais, de sorte que o que quer que nesse se manifeste já se dá a um ser-no-mundo situado (*bestimmt*) pelo tom ou voz (*Stimme*) da tonalidade afetiva (*Stimmung*). Significa que tonalidades afetivas são modos através dos quais o ser-aí, desde seu descerramento, situa-se no mundo dando vistas de suas possibilidades bem como compreensões e desdobramentos delas.

delimitação temática específica, a fala (= discurso) acabou não sendo enfocada.

A tonalidade afetiva já descerrou o ser-no-mundo como um todo e torna possível um primeiro direcionamento para... O ser-afinado não se refere, de início, ao psíquico (Seelischen), não sendo qualquer estado interno que se dissemine misteriosamente colorindo (abfärbt) coisas e pessoas (Heidegger, 1977, p. 182).

A passagem também enfatiza que tonalidades afetivas não são emoções adventícias que, de fora, nos tomariam; não são sentimentos, ocupando posição subalterna quando contrapostas ao pensar e ao querer numa ordem subjetiva⁸; tampouco estados-de-ânimo, apenas “emprestando cor” às percepções e representações. Todas essas interpretações ainda incorrem em um pressuposto subjetivo, que, em vez de tomar o ser-no-mundo como o fenômeno que é em um mundo já modulado por tonalidades afetivas, interpreta mesmo a esses como tendo sede em uma subjetividade (Coriando, 2002; Fink-Eitel, 1992; Withy, 2024), alinhando-se rapidamente à filosofia do sujeito e à *psicologia dos humores*, a qual Heidegger reputa: “[...] ainda completamente omissa no trato deste fenômeno como existencial fundamental” (Heidegger, 1977, p. 178). Se nos orientarmos estritamente pelos modos de proceder da fenomenologia, logo se identifica o quanto isso é empírico, é ôntico. Cabe então a pergunta: não sendo esses afetos anímicos ou psicológicos, que cariz eles teriam para Heidegger? Para o filósofo, “[...] tonalidades afetivas pertencem ao ser do homem [...]” (Heidegger, 1983, p.96);

⁸ O livro editado por Inga Römer (2014), apesar de estar mais interessado em explorar a importância da afetividade para a ética, promovendo um diálogo entre a tradição kantiana e a fenomenologia, é bom lugar para dividir o quanto para aquele autor moderno a afetividade ainda aparece subordinada ao entendimento e à vontade. Nesse mesmo volume, a leitura do capítulo de Manfred Baum (2014), dedicado a pensar a receptividade do ânimo aos conceitos de dever, nos evoca o fato intrigante de a filosofia de Kant, em tendo chegado a cunhar um conceito de ânimo (*Gemüt*), restringiu-se a fazer desse ainda uma sede de estrutura subjetiva (a serviço de uma teoria de faculdades) em lugar de realizar uma filosofia disposicional ou, por outras palavras, uma filosofia dos afetos.

assim, em vez de reter o traço psicologista de uma filosofia dos afetos, Heidegger ontologiza essas afecções, o que nos leva a dizer que, se essas tonalidades afetivas (*Stimmungen*) são mesmo tons ou vozes (*Stimmen*), o que se entoa ou “fala” por meio destas é o próprio ser. Dizer assim – longe de desejar oferecer mais pretextos para os que detratam Heidegger como um “messiânico” – significa dizer que a existência do ser-aí tem nessa sintonia ao *fato de o próprio ser-aí ser ontologicamente*. Esse fato de ser, contudo, não significa um *factum* positivo expresso de um ponto de vista ontológico-categorial como é atributo dos entes dados-de-antemão (*Vorhandenheit*) mas à situação fática com a qual este ente já se vê em mundo (= facticidade).

Embora Heidegger, em *Ser e tempo* (nos §30 e 40, respectivamente), concentre suas análises apenas em duas tonalidades afetivas, o temor (*Furcht*) e a angústia (*Angst*), em obras posteriores ele alude outras dessas, a exemplo do tédio, da alegria, do estado de graça, da tristeza, da melancolia e do ódio (Heidegger, 1983, p. 96). O empenho de Heidegger em tematizar essas tonalidades é todo o de indicar que, na maioria das vezes, elas se dão ao ser-no-mundo corriqueiramente em sua existência cotidiana, e há dezenas de modos de estas nos sintonizarem discretamente, são, por exemplo: a *indiferença* quanto ao que ocorre no entorno, o *interesse* na tarefa da vez, a *indisposição* de levantar da poltrona justo agora que me vejo tão confortavelmente acomodado, a *descontração* durante uma conversa casual, o *contentamento* de estar na companhia de quem se gosta ou qualquer outra que adentre o horizonte do ser-no-mundo. Todas estas dão indício de que este está sempre afinado por tais tonalidades (Heidegger, 1977) ou, por assim dizer, o ser-no-mundo já sempre se acha de certo modo no mundo que é o seu. Indicando assim, o filósofo nos licita compreender tais afetos como um modo de estar-aí, modo no qual o ser-aí vê-se

integrado, sintônico, afinado ao que se manifesta no “aí” da existência. Uma vez aberto e modulado por tonalidades afetivas, “[...] é precisamente na cotidianidade mais indiferente e inofensiva [que] o ser do ser-aí pode irromper ‘como o que é e tem de ser’” (Heidegger, 1993, p.179). Assim, é por meio dessas, que vemos mais claramente como é estruturado o campo fenomenal total da existência do ser-aí e, coincidindo este campo com o horizonte do mundo, a existência do ser-no-mundo se faz correspondente ao que se definiu nessa estruturação. Entretanto, para Heidegger (1977):

A afinação é [apenas] *uma* das estruturas existenciais em que o ser do “aí” se mantém. Este ser é constituído com igual originariedade pela *compreensão*. A afinação tem cada vez o seu entendimento ainda quando o reprime. A compreensão é sempre um compreender em uma tonalidade afetiva (p. 142).

Próximo tema na pauta de Heidegger, também a compreensão, é um existencial e, portanto, constitutiva do ser-no-mundo. Enquanto tal, e de maneira análoga à afinação, também essa responde por um descerramento do ser-aí ao seu mundo, campo fenomenal no qual o ente que somos faz a experiência de seu próprio poder-ser (Heidegger, 1977). É disso que se ocupa o próximo tópico.

Compreensão como descerramento ao possível

A compreensão é indicada como o existencial do ser-no-mundo mais visivelmente implicado ao poder-ser deste ente, para o filósofo: “Compreender é o ser existencial do próprio poder-ser do ser-aí mesmo, de modo que, esse ser descerra e mostra o que se dá com ele mesmo” (Heidegger, 1977, p. 192). É verdade, todavia, que, ao falar de compreensão-de-si (*Selbstverständnis*), o autor já anteviu outras duas formas desse mesmo compreender, intrinsecamente ligadas a essa,

são elas: a *compreensão de ser* (*Seinsverständnis*) e a *compreensão de mundo* (*Weltverständnis*). Entre estas duas, a primeira é compreensão primária, trata-se daquela que, no §.4 de *Ser e tempo*, diz respeito mais propriamente à distinção ontológica (*ontologische Auszeichnung*) desse ente frente aos demais, é o poder-compreender o sentido do ser dos entes, compreensão originária que explica o fato de o ser-aí ser o ponto do qual Heidegger parte com sua ontologia fundamental; em segundo lugar, há a compreensão do próprio ente no campo fenomenal de sua aparição, a compreensão não apenas dos entes que se apresentam ao ser-no-mundo, quanto do próprio âmbito significativo desde o qual o mundo se descerra enquanto tal (Heidegger, 1977).

Evidenciando o caráter de descerramento ao ser-no-mundo,⁹ Heidegger indica também o quanto este existencial nos coloca mais propriamente diante do poder-ser deste ente; daí enunciar que: “A compreensão, enquanto descerramento (*Erschließen*), sempre abrange toda a constituição fundamental do ser-no-mundo. Como poder-ser, o ser-em é a cada vez um poder-ser-no-mundo” (Heidegger, 1977, p. 192). Depreende-se daqui que, para nosso filósofo, a compreensão é modo de

⁹ Apesar de nossa exposição não tomar essa vereda, não deixa de ser significativo, para a caracterização do fenômeno do descerramento, justamente nesse momento que trata da compreensão, a consideração de Günter Figal sobre este. Considerando pobre apenas a equiparação de *ser-aí* e *descerramento*, o autor indica que parece natural aos versados em fenomenologia que o descerramento seja pensado como um correspondente heideggeriano da consciência segundo Husserl (essa pareceria ser a opinião de Tugendhat). Figal rejeita essa interpretação indicando que algo como um descerramento parece mais bem corresponder a experiência aristotélica do “*noûs*” ou a do “*lumen naturale*” em certa tradição latina. A razão da negativa se deve ao intérprete não identificar na abertura ao mundo uma estrutura vetorial com é o caso da intencionalidade, presente na consciência. Por isso, a esse respeito, arrematar: “Descerramento é muito mais a pura possibilidade” (Figal, 2005, p. 143).

ser do poder-ser existencial do ser-no-mundo, não assumida essencialmente como simplesmente dada, mas como um modo de ser da existência. Portanto: “Na compreensão jaz existencialmente o modo de ser do ser-aí como poder-ser. O ser-aí não é um ente dado-de-antemão que possui adicionalmente o poder de fazer algo, mas ele é primariamente ser-possível. O ser-aí é, a cada vez, o que pode-ser e como ele é sua possibilidade” (Heidegger, 1977, p. 191). Justamente por isso, Heidegger prescrever que devamos: “[...] apreender ainda mais precisamente a estrutura desse existencial” (Heidegger, 1977, p. 200).

Ora, dizer, como acima, que a compreensão é modo de ser da existência que permite uma compreensão de si-próprio assinala que esta libera o ser-aí aos contextos significativos de seu mundo (= significância) e às suas possibilidades nessa totalidade significativa. Isso porque, para Heidegger (1977), é a compreensão existencial que projeta o ser-aí para sua realização; sendo assim, é enquanto descerramento compreensivo que o ser-no-mundo se vê liberado para ter seu ser projetado a uma constituição de fato, no aí de um mundo específico em sua significância. É com vistas a isso que Heidegger aponta a compreensão como o tal modo de ser do ser-aí enquanto poder-ser. Ressalte-se, contudo, que falar de possibilidade essencial do ser-aí de modo algum significa um acenar com um poder-ser tudo quanto se poderia imaginar e querer em uma pretensa arbitrariedade (*libertas indifferentiæ*). Em vez disso, refere-se apenas às possibilidades que se franqueiam ao ser-no-mundo nos limites factuais do seu mundo e, portanto, dadas em compasso ao projeto ekstático da compreensão no horizonte mundano.

O caráter de projeto da compreensão constitui o ser-no-mundo quanto ao descerramento do seu aí como o aí de um poder-ser. O projeto é a constituição existencial de ser no âmbito do poder-ser fático. E como lançado, o ser-aí o é no modo de ser do projeto. [...] O caráter de projeto da compreensão significa, além disso, que as

possibilidades, aquilo em relação a que se projeta, não é ele mesmo tematicamente apreendido. Tal apreensão retira do projetado precisamente o seu caráter de possibilidade, reduzindo-o a um dado como conteúdo pensado, ao passo que o projeto, considerado no projetar ele mesmo, lança diante de si a possibilidade como e fazendo-a *ser* como tal. O compreender, como projetar, é o modo de ser do ser-aí em que este é suas possibilidades como possibilidades (Heidegger, 1977, p.194).

Destarte, o poder-ser possibilidades do ser-no-mundo é condicionado pelos projetos de sentido que se descerram em um mundo fático e em vista de seus comportamentos existenciais, não indicando, por assim dizer, um conjunto de possibilidades contingentes; dessa forma, o ser-no-mundo só *pode o que pode na existência* em conformidade com as possibilidades compreensivamente descerradas na situação de seu mundo.

A possibilidade do compreender na chave do “como algo”

O movimento de exposição anterior subministra que, quando Heidegger trata da compreensão do que aparece em seu descerramento, no horizonte significativo de mundo, há uma forma com a qual qualquer ente compreendido se mostra, desse modo o que quer que se dê à compreensão já acontece em conformidade com a estrutura do “algo como algo” (*Struktur des Etwas als Etwas*). Significa que, uma vez descerrado pela compreensão, qualquer ente aparece *como* algo, por exemplo, *algo como* a mão para o uso, *algo como* um ente subsistente, *algo como* um vivente, *algo como* um outro ser-no-mundo... O que isso significa se beneficia muito da seguinte ilustração do texto de Heidegger:

O que se abre na compreensão, o compreendido, é sempre de tal modo acessível que pode explicitar-se em si-mesmo “como algo”. O “como” constitui a estrutura da explicitação do compreendido; [...] O modo de lidar da [...] com o manual intramundano, o que vê *como*

mesa, porta, carro, ponte, não precisa ser necessariamente dito em um enunciado determinador. Toda visão pré-predicativa do que está à mão já é em si uma compreensão [...]. O ver dessa visão já é sempre compreensão [...]. A articulação do que foi compreendido na aproximação interpretativa dos entes, na chave de “algo como algo”, antecede toda e qualquer posição temática a seu respeito (Heidegger, 1977, p. 211).

O que se deseja enfatizar é que a estruturação hermenêutica do “como algo” é imediata, não nos confrontando a enunciados, significações ou qualquer conceito aurido de generalizações (se a estes interpretarmos como determinação material que apoiaria uma lida predicativa ou, mesmo, teórica). Do modo de visar de Heidegger, na compreensão nada é predicado ou teorizado, antes o compreender é tomada significativa do próprio ente em contextos de mundo, no projeto da compreensão se descerra o ente tal como compreendido no mundo. Por outras palavras:

Estritamente falando, o que se compreende não é o sentido (*Sinn*), mas o ente ou o ser (*Sein*). Sentido é aquilo em que se sustenta a compreensibilidade de algo. O que na compreensão se descerra e é articulado, nomeamos sentido. O conceito de sentido abrange a estrutura formal daquilo que necessariamente pertence ao que a compreensão interpretativa articula. [...] Na medida em que a compreensão forma a constituição do ser do ser-aí, o sentido deve ser compreendido como [...] um existencial do ser-aí e não uma propriedade aderida sobre o ente, ficando por “trás” ou pairando em outro como um “reino intermediário” (Heidegger, 1977, p. 201).

Face a todo o dito, o “como” da compreensão não é algo que ocorra mediante enunciação, nesta ele apenas é dito, e apenas possível de ser expresso discursivamente pelo fato de ter previamente se manifestado em descerramento. Porém, como se pode entrever, o fato de a estrutura compreensiva do “como” não ser pronunciada de maneira ôntico-categorial, não quer dizer que ela seja menos digna de ser considerada como constitutiva da compreensão do ser-aí. Muito ao

contrário, justamente por ser desde o projeto existencial é que esta se mostra como pertencente a tal constituição.

Sendo assim, é em vista da compreensão que o movimento ekstático do projeto se insinua como constituinte ontológico-existencial do ser-no-mundo, patenteando que sua ex-sistência não é um mero haver (*existentia*), mas dinâmica livre de poder-ser possibilidades. Assim, o compreender, enquanto um projetar, é um modo de ser do ser-aí no qual ele é *como* possível frente às possibilidades de seu mundo. Em suma, o projeto diz respeito a toda abertura do ser-no-mundo, como poder-ser; esse, enquanto um existencial do ser-aí, admite ser pensado não só como o lançar-se às realizações no universo fático da mundanidade, na qual se engendra toda referencialidade e significância de maneira conforme. O projeto é, pois, um esboço de totalidade conjuntural no qual se enforma (*sich auszubilden*) o que é possível ao ser-aí.¹⁰ Destarte, no que concerne a esta articulação entre *compreensão* e *projeto* (que ocupou a pauta neste parágrafo de nosso artigo), o intento era o de apontar que a compreensão do ser-aí é sempre compreensão do seu mundo fático, dada a partir do descerramento aos seus modos de ser, e desde o projeto de suas possibilidades. Heidegger endossa esta interpretação afirmando que: “No projetar à possibilidade se antecipou na [abertura do ‘aí’ do ser-aí] uma compreensão de ser” (Heidegger, 1977, p. 203). Uma tal afirmação ratifica o quanto a compreensão – ao lado da afinação – é existencial que aponta o descerramento originário às possibilidades do ser-no-mundo.¹¹

¹⁰ Na oração, pretendemos explorar o parentesco etimológico e a proximidade semântica das expressões projeto e esboço, ambas possíveis de serem ditas, no presente contexto, pela palavra alemã *Entwurf*.

¹¹ Nossa delimitação temática nos impede de tratar dos contextos referidos à interpretação, como uma “[...] elaboração das possibilidades projetadas

Considerações finais

Em nossa reconstrução conceitual dos contextos de *Ser e tempo*, indicamos o “ser-em” evidenciando que, na existencialidade do ser-no-mundo, o “em” é modo correspondente ao “aí” que é mundo. Isso nos levou a depreender que ser-aí é estar sempre desde a experiência do em, de sorte que o ser-aí é sempre em-mundo, *existe sempre como ser-no-mundo*. O “aí” deste estar-aí indicia sempre o modo com o qual um tal ente já se vê fundamentalmente descerrado ao horizonte mundano, portanto constituído num espaço de existência. Esta evidência nos colocou em ponto favorável a uma análise concentrada em dois existenciais do ser-aí responsáveis pelo modo com o qual o descerramento se conforma, os existenciais: a *afinação* (e suas correspondentes imediatas, as tonalidades afetivas) e a *compreensão*.

Tal como vimos, a “afinação” é modo existencial fundamental do ser-aí e indicativa de seu encontrar-se-em mundo. Nesse modo de ser e estar, tonalidades afetivas descerram o mundo como um espaço de realização, modalizando o ser-no-mundo quanto a seus comportamentos nesse horizonte mundano. Significa afirmar que, na afinação, o ser-no-mundo vê-se aberto e sempre sintonizado por essas tonalidades, de sorte que elas, de algum modo, já condicionam sua situação. As tonalidades afetivas, entretanto, não são as únicas a responder pelo descerramento do ser-aí ao mundo, também a compreensão, é abertura existencial ao “aí”.

Ao abordar a “compreensão” como um existencial fundamental do ser-aí, tal como pensado por Heidegger, vimos que esta descerra o ser-aí a seu mundo como um campo

na compreensão” (Heidegger, 1977, p. 197). Sem embargo, apesar de não ser recente, ainda é proveitoso conferir a respeito o livro de Gethmann (1974).

de possibilidades. Reside nisso o modo existencial de ser do ser-aí como poder-ser. A compreensão é assim tomada não como ato cognitivo ou como uma faculdade transcendental a exemplo do *entendimento*; tal como visto, é ela que franqueia o espaço para o qual a existência do ser-aí se projeta a suas possibilidades. Significa dizer, que o descerramento da compreensão descortina o horizonte do mundo liberando o ser-aí não apenas para compreensão dos entes intramundanos (dispostos em suas malhas de significação), quanto para si mesmo, já que o descerramento expõe toda a constituição fundamental do ser-no-mundo, na medida em que, com atenção aos referidos contextos mundanos, libera o ser-no-mundo a seu poder-ser, bem como condiciona suas possibilidades no mundo. Disso resulta que a compreensão é o existencial do ser-no-mundo mais visivelmente implicado ao seu poder-ser.

Depreendemos que o projeto diz respeito a todo o descerramento do ser-no-mundo. Elucidamos, no entanto, que o viabilizado pelo projeto existencial ao poder-ser não aponta para uma indistinção de possibilidades. Assim, contradizendo uma tendência de nossa época atual, que faz fé na equação *querer é poder*, faz-se valer, com Heidegger, a evidência de que o ser-no-mundo, enquanto ente de poder-ser, não é este sujeito a uma indiferença de desideratos e realizações imediatas destes, por outras palavras, não é que o ser-aí possa tudo quanto almeje, mas suas possibilidades são sempre condicionadas pelos limites fatuais descerrados em seu mundo. Implica dizer que o projeto existencial, enquanto esboço de totalidade conjuntural no qual se enforma o que é possível faticamente ao ser-aí, realiza apenas o que pode ante as possibilidades de seu mundo específico.

O trabalho apresentou ainda que tudo aquilo que se descerra o horizonte de mundo e é dado ao compreender mostra-se sempre segundo aquilo que Heidegger chama de

estrutura do “algo como algo”. Esse registro compreensivo é, por assim dizer, antepredicativo e mesmo pré-teórico, pois independe que precisemos nos voltar reflexivamente sobre o compreender para que uma tomada compreensiva aconteça. No âmbito da compreensão, os entes são tomados *como* algo no projeto significativo aos contextos do mundo. Não é preciso demorar muito aqui para deixar patente que o compreender está intrinsecamente ligado ao projeto, movimento ekstático do ser-aí que se lança em direção às suas possibilidades no mundo, definindo a existência como ser-possível.

Conclui-se, num último acréscimo, que *entre compreendido e afinado, o ser-aí é este que é livre para poder-ser possibilidades no descerramento a seu mundo.*

Referências

BAUM, Manfred. Kant über die Empfänglichkeit des Gemüts für Pflichtbegriffe überhaupt. In: *Affektivität und Ethik bei Kant und in der Phänomenologie*. RÖMER, Inga. (Hrsg.) Berlin. De Gruyter, 2014, p. 101-116.

CORIANO, Paola-Ludovika. *Affektenlehre und Phänomenologie der Stimmungen*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2002.

FIGAL, Günter. *Martin Heidegger: Fenomenologia da liberdade*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FINK-EITEL, Hinrich. Die Philosophie der Stimmungen in ‘Sein und Zeit’. In: *Allgemeine Zeitschrift für Philosophie*. (1992), 17/3, 27-44.

GETHMANN, Carl F. *Verstehen und Auslegung*. Das Methodenproblem in der Philosophie Martin Heideggers. Tübingen: Mohr Siebeck, 1974.

HEIDEGGER, Martin. *Being and Time*. Transl. Joan Stambaugh. New York: State University of New York, 1996.

HEIDEGGER, Martin. *Being and Time*. Transl. John MacQuarrie; Edward Robinson. San Francisco: Harper & Row, 1962.

HEIDEGGER, Martin. *Interprétations Phénoménologiques d'Aristote*. [Édition bilingue français-allemand] Trad. J.-F. Courtine. Paris : Trans-Europ-Repress, 1992.

HEIDEGGER, Martin. Ontologie: Hermeneutik der Faktizität. In: *Gesamtausgabe* II. Abteilung: Vorlesungen. Band 63. Frankfurt am Main: Klostermann, 1988.

HEIDEGGER, Martin. Sein und Zeit. In: *Gesamtausgabe* – I. Abteilung: Veröffentlichte Schriften 1914-1970. Band. 2. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1977.

HEIDEGGER, Martin. Die Grundbegriffe der Metaphysik: Welt-Endlichkeit-Einsamkeit. *Gesamtausgabe* – II. Abteilung: Vorlesungen 1923-1944. Bd. 29-30. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1983.

MALPAS, Jeff. *Heidegger and the Thinking of Place: Explorations in the Topology of Being*. Cambridge: MIT Press, 2012.

MALPAS, Jeff. *Heidegger's Topology*. Being, Place, World. London: A Bradford Book, 2008.

MULLHALL, Stephen. *Heidegger and Being and Time*. London: Routledge, 2007.

RICHARDSON, Willian J. *Heidegger: Through Phenomenology to Thought*. The Hague: Martinus Hijhoff, 1974.

RÖMER, Inga. (Hrsg.) *Affektivität und Ethik bei Kant und in der Phänomenologie*. Berlin. De Gruyter, 2014.

WITHY, Katherine. *Heidegger on Being Affected*. Cambridge: Cambridge University Press, 2024.

(Submissão: 13/11/25. Aceite: 16/04/26)